

## **Perfil psicossociodemográfico da imigração haitiana no sul do Brasil**

Almeida Weber, João Luís<sup>1</sup>  
Giacomini, Sandra Adelina<sup>2</sup>  
Cadore Sonogo, Joice<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Centro Universitário da Serra Gaúcha – FSG/Curso de Psicologia, Caxias do Sul, Brasil, joao.weber@fsg.br

<sup>2</sup> Centro Universitário da Serra Gaúcha – FSG/Curso de Psicologia, Caxias do Sul, Brasil, sandra.giacomini@fsg.br

<sup>3</sup> Centro Universitário da Serra Gaúcha – FSG/Curso de Psicologia, Caxias do Sul, Brasil, joicesonogo@gmail.com

**Resumo:** Este estudo traça um panorama da imigração haitiana no Rio Grande do Sul, quanto a aspectos psicossociais. A pesquisa possui delineamento quantitativo transversal e contou com a participação de 67 imigrantes haitianos que migraram para o estado entre 2010 e 2016. Os resultados demonstraram que este grupo de imigrantes é predominantemente composto por homens, com alta escolaridade e que falam o idioma português. Estes imigrantes também demonstraram ter dificuldade de inserção no mercado de trabalho formal, por outro lado o acesso aos serviços públicos de saúde, assistência social e educação também fazem parte da vida dos mesmos no Brasil.

**Palavras-chave:** imigração haitiana, aculturação, preconceito, qualidade de vida.

## I. INTRODUÇÃO

Atualmente, o Brasil está vivendo um novo fluxo migratório, especialmente com uma mudança da nacionalidade de imigrantes, com afluência significativa de haitianos, e de imigrantes de países africanos (predominantemente Senegal e Gana). Segundo Horenczyk, Jasinskaja-Lahti, Sam e Vedder (2013) (1), o mundo está se encaminhando cada vez mais para sociedades plurais, compostas por pessoas de diferentes origens étnicas e culturais, o que gera uma mudança em vários âmbitos da vida da população. Um exemplo disso ocorre particularmente a partir de 2010, após o terremoto que ocorreu no Haiti, quando iniciou-se um grande fluxo de imigração haitiana para o Brasil. Dados do Ministério da Trabalho e do Ministério da Justiça e Cidadania do Brasil indicam que, em 2010, 459 haitianos conseguiram o visto por razões humanitárias, em 2011, foram 2,6 mil e em 2012, 4,6 mil, já em 2013, o número de haitianos no Brasil triplicou em relação aos três anos anteriores, chegando a mais de 13 mil, demonstrando um aumento grande em um curto espaço de tempo. No período de 2010 até 2015 o Brasil concedeu vistos a 51.128 imigrantes haitianos, sendo a nacionalidade com o maior número de vistos recebidos neste período (Brasil, 2015) (2).

De acordo com a Embaixada Haitiana no Brasil (2015) (3) o país, que possui em torno de 9 milhões e 800 mil habitantes, tem 90% da sua população desempregada ou trabalhando informalmente e 80% vivem abaixo da linha da pobreza. Esse panorama socioeconômico incrementa as motivações para a imigração (Santos, Santos, Assis & Cotinguiba, 2015) (4) e, também, pode ser entendido como um fator que contribui muito para as condições precarizadas da vida dos imigrantes nos países de acolhida, pois a maior parte dos rendimentos é repassada para familiares que ficaram no país de origem (Zamberlan, Corso, Cimadon & Bocchi, 2014) (5).

Embora não recebam o status de refugiados, os imigrantes haitianos fazem parte de um coletivo migratório cujo processo também pode ser compreendido como grupo de migração involuntária e por sobrevivência (Corrêa, Nepomuceno, Mattos & Miranda, 2015 (6); Martins Borges, 2013 (7)), ou seja ocorre devido a motivos econômicos, fragilidade estatais e dificuldades decorrentes de desastres naturais. A saída do Haiti surge como um modo particularmente importante de dar continuidade à vida, tendo em vista a falta de condições em seu país de origem que os coloca enquanto uma população em grande vulnerabilidade. Como alternativa de proteção a este coletivo, o governo brasileiro concedeu aos haitianos um visto por razões humanitárias, que embora facilite a entrada e permanência dos mesmos no país, não garante proteção internacional, ou seja, os haitianos não estão protegidos de um retorno forçado ao seu país (Corrêa e al., 2015) (6). Após a aquisição do visto, os imigrantes estão aptos a ter documentos como o CPF, carteira de trabalho e cartões de acesso à rede pública de saúde e assistência social.

A região norte é a principal porta de entrada dos imigrantes haitianos no Brasil, porém após a chegada a maioria dos imigrantes seguem para as regiões sul e sudeste, em busca de emprego (Santos et al., 2015 (4); Zamberlan et al., 2014(5)). O estado do Rio Grande do Sul é um dos destinos mais visados e concentra boa parte da população de haitianos que realizou o processo migratório recentemente (Santos-Lobo, Weber, Brunnet & Bolaséll, 2016) (7). Apesar de não haverem registros precisos de quantos imigrantes estão localizados em cada estado e cidade, os dados divulgados pela Organização

Internacional para as Migrações afirmam haver 1.575 imigrantes haitianos estavam registrados no Rio Grande do Sul em 2015 (Organização Internacional para as Migrações, 2015) (8).

A produção científica nacional ainda carece de estudos sobre os novos movimentos migratórios e, desta forma, estudá-los mostra-se relevante para pensar a sociedade brasileira, particularmente por seu passado colonial e pela significativa presença de pessoas imigrantes em suas fronteiras ao longo de toda sua história. Além disso, o panorama das migrações contemporâneas possui particularidades ainda pouco exploradas (em relação às migrações dos séculos XIX e XX) e que podem contribuir para a análise da conjuntura social do país e, da qualidade de vida das pessoas diretamente implicadas nesses processos - sejam migrantes, sejam membros de comunidades de acolhida. Sendo assim, o presente estudo objetivou traçar um panorama dos imigrantes haitianos residentes no sul do Brasil, quanto a questões sociodemográficas e de acesso aos serviços de saúde e assistência social.

## II. MÉTODO

### I. PARTICIPANTES

O estudo foi realizado com 67 imigrantes haitianos, maiores de 18 anos e fluentes em francês. Como critério para a amostra foram utilizados os dados da Organização Mundial para Imigrações que, na data do início da coleta de dados, informava haver 1575 imigrantes haitianos registrados no território do Rio Grande do Sul (2015) (9). Devido à dificuldade de acesso aos imigrantes, assim como dos registros e locais de moradia dos mesmos, foram pré-estabelecidos um grau de confiança de 90% e erro amostral de 10%, o que sugeriu um tamanho amostral compatível com o obtido.

### II. INSTRUMENTOS

Questionário de dados sociodemográficos: O questionário consiste em perguntas relativas a idade, sexo, raça, escolaridade, profissão, vínculo empregatício, classe social, estado civil e questões particulares da imigração como, por exemplo, o tempo que reside no Brasil, quais idiomas possui fluência, se os familiares residem no Brasil ou no Haiti e etc.

### III. PROCEDIMENTOS

#### A. COLETA DE DADOS

Os dados foram coletados em 4 locais de três cidades diferentes no Rio Grande do Sul: na Pastoral do Imigrante e em um albergue de uma organização não governamental que apoia imigrantes na cidade de Porto Alegre, em uma escola pública que fornece aula gratuita de português aos imigrantes na cidade de Canoas, e no Sindicato da Indústria Alimentícia da cidade de Encantado. As três cidades, que estão entre as que mais recebem imigrantes haitianos no Rio Grande do Sul (Zamberlan et al., 2014) (5), foram escolhidas por conveniência e receptividade dos locais.

## B. ANÁLISE DE DADOS

Os dados coletados foram codificados, digitados e armazenados com o auxílio do programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) versão 21.0 para Windows. Foram realizadas análises descritivas da população estudada.

## III. RESULTADOS

A amostra do estudo caracterizou-se predominantemente por homens, adultos jovens (M=33,87 anos) que, de acordo com outros estudos sobre a imigração haitiana no Brasil, são a maioria desta população (Zamberlan et al, 2014) (5). O percentual de imigrantes solteiros (52,2%) é um pouco maior do que o de casados (nesta categoria é incluída a união estável) e, ainda, 94% dos entrevistados relataram possuir alguma religião.

Quanto às questões relacionadas aos motivos de vinda para o Brasil, é reiterada a questão do trabalho enquanto principal motivo, como já mencionavam os estudos de Zamberlan et al., (2014) (5) e Santos et al., (6). Também se identifica escolaridade com média de 10,85 anos de estudo. Pouco mais da metade está empregado (58,2%), o que demonstra uma taxa alta de desemprego quando comparada ao desemprego no Brasil (11,3%) e no Rio Grande do Sul (8,7%); Este resultado complementa o estudo de Zamberlan et al. (2014) que demonstra que a grande maioria dos imigrantes já trabalhou no Brasil em algum momento (89,2%), porém uma quantidade muito menor permanece empregada

Segundo Keys et al. (2015) (10), ser haitiano, pobre e estar desempregado é associado à um estigma de uma pessoa sem valor. Aproximadamente metade da amostra (49,3%) está enquadrada no nível socioeconômico D, segundo classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, ressaltando ainda o fato de que apenas um imigrante integra a classe B e nenhum a classe social A. Nenhum dos imigrantes possui residência própria, sendo que 86,6% alugam moradia, que são, em sua maioria, divididas com outros imigrantes sem vínculo familiar (64,18%), habitando em média 6,36 pessoas por local, questão que reforça o déficit habitacional do país, fazendo com que pessoas que tem menos condições financeiras tenham mais dificuldade de acesso à moradia. A maioria dos imigrantes relatou também já ter acionado efetivamente os serviços públicos de saúde (68,7%) e assistência social (52,2%).

Quando questionados em relação a aspectos de vínculos mantidos no país de origem e novos vínculos realizados no Brasil, percebe-se que a maioria dos imigrantes faz remessas financeiras para suas famílias (64,2%). Esta questão já foi evidenciada em outros estudos com imigrantes haitianos (Zamberlan et al., 2014 (5); Santos-Lobo et al., 2016 (8)) os quais indicam que além de ser uma forma de manter contato com o país de origem, poder ajudar financeiramente a família que não imigrou é um dos principais fatores que motivam a migração involuntária por sobrevivência. O contato com os familiares se dá, para aproximadamente metade da amostra (49,3%) diariamente, e principalmente pela internet (62,69%). Ainda, quando questionados em relação aos vínculos que estes imigrantes mantêm no Brasil, a grande maioria relata ter vínculos com outros imigrantes da mesma nacionalidade (95,5%) e também com brasileiros (59,7%).

#### IV. CONCLUSÕES

Este estudo objetivou traçar um panorama da imigração haitiana no Rio Grande do Sul, identificando aspectos psicossociais que pudessem auxiliar em um perfil da população. Cabe ressaltar que este movimento migratório ainda é pequeno e muito mais recente em comparação aos outros países mencionados anteriormente, por isso, apesar dos resultados indicarem uma boa percepção dos imigrantes em relação à vida no Brasil, tais dados ainda devem ser vistos com cautela. Portanto, a partir dos resultados e discussões levantadas neste estudo, reitera-se a importância de olhar para a crescente população imigrante e de se pensar políticas públicas que possam ir além da concessão do visto humanitário e garantam direitos humanos e trabalhistas para esta população.

Por se tratar de um movimento migratório recente, é importante realizar novos estudos após estes imigrantes estarem vivendo no Brasil há mais tempo, assim como os imigrantes de segunda geração que em algum tempo vão compor uma parcela importante desta população. Outro fator fundamental é o desenvolvimento de instrumentos específicos para a população haitiana que imigrou para o Brasil. Por fim, é importante realizar estudos qualitativos exploratórios que pudessem levantar outras questões pertinentes à serem abordadas sobre a temática.

#### REFERÊNCIAS

- (1) Horenczyk G, Jasinskaja-Lahti I, Sam DL, & Vedder P. Mutuality in acculturation: Toward an integration. *Zeitschrift Fur Psychologie / Journal of Psychology*, 221(4), 2013. P. 205–213. DOI : [10.1027/2151-2604/a000150](https://doi.org/10.1027/2151-2604/a000150)
- (2) Brasil. Ministério do Trabalho e Previdência Social Ministério da Justiça. Despacho conjunto. 2015. Disponível em: [http://www.migrante.org.br/components/com\\_booklibrary/ebooks/dou\\_12\\_11\\_15.pdf](http://www.migrante.org.br/components/com_booklibrary/ebooks/dou_12_11_15.pdf)
- (3) Embaixada do Haiti. Haiti at a Glance. 2015. Disponível em: <http://www.haiti.org/index.php/economic-xm-affairs-xm/26-the-embassy/content/121-haiti-at-a-glance>
- (4) Santos AP, Santos MSF, Assis WLS, & Cotinguiba MLP. Inserção sociocultural de haitianos em Porto Velho: o ensino e aprendizado da língua portuguesa. *Revista de Estudos de Literatura, Cultura e Alteridade – Igarapé*, 1(5), 2015, P. 43- 53.
- (5) Zamberlam J, Corso G, Cimadon JM, Bocchi L. Os novos rostos da imigração no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Solidus, 2014.
- (6) Corrêa MAS, Nepomuceno RB, Mattos WHC, & Miranda C. Migração por sobrevivência: soluções brasileiras. *REMHU - Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.*, (44), 2015, P. 221-236. DOI: [10.1590/1980-85852503880004414](https://doi.org/10.1590/1980-85852503880004414)

- (7) Martins-Borges L. (2013). Migração involuntária como fator de risco à saúde mental. REMHU : Rev. Interdiscip. Mobil. Hum , 21(40), 2013, P. 151-162. DOI: 10.1590/S1980-85852013000100009
- (8) Santos-Lobo N, Weber JLA, Brunnet AE, & Bolaséll LT (2016). Grupo de apoio à integração comunitária de imigrantes em Porto Alegre: relato de experiência. Revista Signos, 37(2), 2016, P. 178-190. DOI: 10.22410/issn.1983-0378.v37i2a2016.1131
- (9) Organização Internacional para as Migrações. Dados do SINCRE sobre as migrações haitianas no Brasil. 2015.
- (10) Keys HM, Kaiser BN, Foster JW, Minaya RYB, & Kohrt, BA. Perceived discrimination, humiliation and mental health: a mixed methods study among Haitian migrants in the Dominican Republic. Ethnicity & Health, 20(3). 2015. P. 219-240.